

# MÃOS SOBRE A CIDADE

INVESTIGAÇÕES ARTÍSTICAS  
NO MEIO URBANO

---

Museu de Aveiro / Santa Joana

11.JUL —  
21.SET 2025

**SERRALVES FORA DE PORTAS** OUT OF DOORS

## **EXPOSIÇÃO** EXHIBITION

**Organização** Organisation  
Fundação de Serralves — Museu de Arte Contemporânea, Porto

**Curadoria** Curator  
Joana Valsassina

**Produção e Assistência Curatorial** Production and Curatorial Assistant  
Carlos Magalhães

**Assistência de Produção** Production Assistance  
Andreia Vale Lourenço | Museu de Aveiro

## **PUBLICAÇÃO** PUBLICATION

**Texto** Text  
Joana Valsassina

**Coordenação** Coordination  
Sílvia Sacadura

**Edição** Copy-editing  
Mária João Teles Grilo

**Tradução** Translation  
John Elliott

**Créditos fotográficos** Photographic credits  
© Filipe Braga, Fundação de Serralves, © Miguel Carneiro, cortesia Dayana Lucas

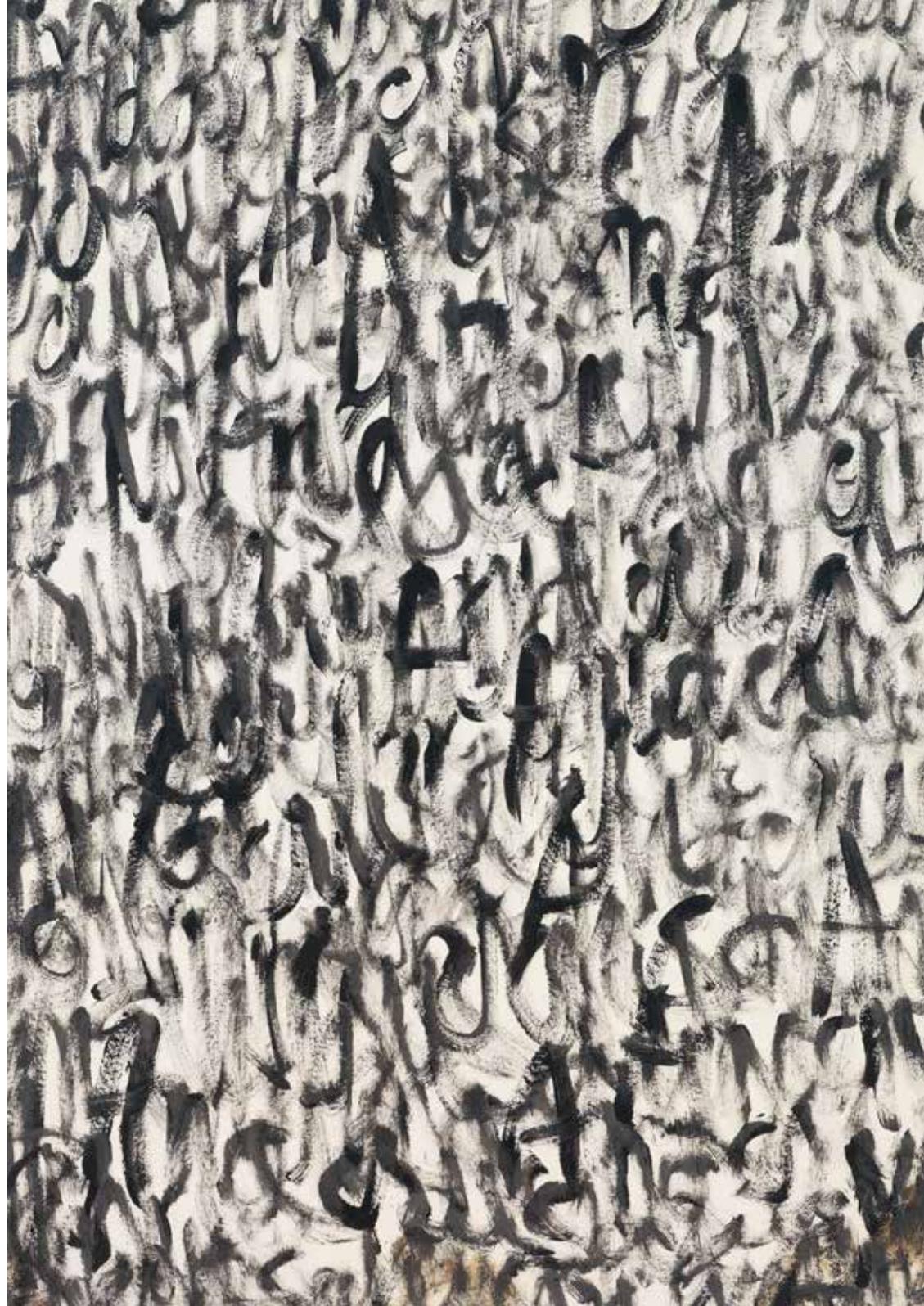
**SERRALVES**

# MÃOS SOBRE A CIDADE

## INVESTIGAÇÕES ARTÍSTICAS NO MEIO URBANO

Ana Hatherly  
Ana Santos  
André Cepeda  
Bruno Borges  
Dayana Lucas  
E. M. de Melo e Castro  
Gordon Matta-Clark  
James Lee Byars  
Mauro Cerqueira  
Miguel Carneiro  
Oficina Arara  
Pedro Nora  
Pierre Huyghe  
Tacita Dean

Ana Hatherly  
A Revolução, 1977



A exposição *Mãos sobre a cidade. Investigações artísticas no meio urbano* apresenta um conjunto de obras de artistas portugueses e internacionais representados na Coleção de Serralves que se debruçam sobre a realidade urbana contemporânea, investigando processos de ordem física, económica, social e cultural que moldam a vida na cidade. Num tempo em que multidões saem à rua em várias cidades do país para reivindicar o direito à habitação para todos, a exposição dá a conhecer um conjunto diverso de práticas artísticas que se desenvolvem no seio de uma sociedade cada vez mais urbanizada.

A cidade é, por definição, um lugar de concentração — de pessoas, recursos, infraestruturas, serviços. É um lugar de reunião e confronto, onde a democracia nasce e é posta à prova. Palco de inúmeros movimentos sociais e culturais ao longo da História, a cidade sempre foi terreno fértil para a criação artística, inspirando o trabalho de escritores, músicos, cineastas e artistas visuais. É o caso de Francesco Rosi, realizador napolitano que retrata a sua cidade natal no célebre filme que dá título a esta exposição, *Le mani sulla città* (1963), denunciando os efeitos da especulação imobiliária e da corrupção no desenvolvimento urbano e na vida das populações mais carenciadas durante a “reconstrução” de Itália após a Segunda Guerra Mundial. Enquanto Rosi aponta o dedo à manipulação política do tecido urbano, a exposição centra-se na ação de artistas que lançam mãos sobre a cidade, explorando aspetos distintos desta complexa realidade. Retratando e intervindo na rua, questionando mecanismos de crescimento urbano, recuperando objetos e materiais descartados, partilhando agência criativa com habitantes e transeuntes, os artistas representados na exposição refletem sobre a construção e transformação do espaço e das comunidades urbanas.

A exposição apresenta um núcleo de obras denso e diverso que ecoa a multiplicidade de manifestações artísticas relacionadas com esta temática. Integrando desenho e colagem, escultura e fotografia, cartazes de rua, peças de som e vídeo, *Mãos sobre a cidade* reúne obras do final da década de 1960 até à atualidade, abrangendo o arco temporal representativo da Coleção de Serralves.

Sendo a rua o espaço público por excelência, é nela que muitos artistas vão intervir, apropriando fachadas e muros com cartazes, *graffiti*, mensagens de protesto e palavras de ordem. A exposição inclui um conjunto de cartazes de **Pierre Huyghe** (Paris, França, 1962) e do coletivo portuense **Oficina Arara**<sup>1</sup> concebidos para habitar e confrontar a cidade, reclamando o espaço público enquanto espaço de intervenção e resistência. Os posters que compõem *Daily Event, Paris* [Evento diário, Paris] (1994) constituem versões menores de painéis publicitários ilegalmente ocupados por Huyghe que retratam cidadãos a executar tarefas de manutenção do espaço público nos bairros onde foram afixados, contrapondo gestos de insubordinação e cidadania, confundindo realidade e ficção. Os cartazes da Oficina Arara e de artistas associados, como **Dayana Lucas** (Caracas, Venezuela, 1987), **Miguel Carneiro** (Porto, 1980), **Pedro Nora** (Vila Nova de Gaia, 1977) e **Bruno Borges** (Lisboa, 1976), partilham um manifesto comprometimento político: imagens retiradas de jornais venezuelanos denunciam a violência nas ruas de Caracas; a inesgotável palavra *Crisis* [Crise] repete-se, densa e omnipresente; uma *Boca* escancarada lembra a importância do uso da voz no exercício da cidadania.

<sup>1</sup> A Oficina Arara institui-se enquanto laboratório de artes gráficas dedicado à criação autoral e coletiva de cartazes e publicações de tiragem limitada, partindo de técnicas serigráficas e processos manuais de impressão considerados obsoletos. Ao longo do seu período de atividade têm feito parte deste coletivo artistas e designers como Dayana Lucas, Miguel Carneiro, Pedro Nora, Luís Silva, João Alves e Marta Baptista (Von Calhau!), Irina Pereira, Bruno Borges, Daniela Duarte, Ruca Bourbon, Mariya Nesvyetaylo, entre outros.

Paralelamente, artistas como **Ana Hatherly** (Porto, 1929 – Lisboa, 2015) e **E. M. de Melo e Castro** (Covilhã, 1932 – São Paulo, Brasil, 2020) evocam nas suas práticas manifestações nativas da paisagem visual da cidade, integrando gestos e expressões que a qualificam e refletem a sua constante mutação. A Revolução de 25 de Abril de 1974 veio marcar decisivamente o trabalho destes artistas, figuras centrais da Poesia Experimental Portuguesa, grupo que advogava desde o início da década anterior a exploração livre das potencialidades visuais, fonéticas e matéricas da linguagem, encontrando nesta atitude experimentalista uma forma de escape à repressão e ao conservadorismo do regime salazarista. É, então, natural que para estes artistas a explosão visual que se plasmou no espaço público a partir de 1974 tenha sido profundamente fértil: “a poesia esteve de facto nas ruas (...) na sua maior amplitude possível e nesse processo naturalmente [participámos]”<sup>2</sup>. Neste período, Hatherly realiza obras icónicas em torno deste tema, como o célebre filme *Revolução* (1975), o conjunto de (des)colagens *As ruas de Lisboa* (1977) e a série de desenhos “A Revolução” (1977), representada nesta exposição, que ecoa a visualidade da escrita urbana sobre a qual a artista se debruçará anos mais tarde, na década de 2000.

À semelhança de Ana Hatherly, Melo e Castro examinou atentamente a profusão de intervenções gráficas que marcaram o território nacional durante o período pós-revolucionário, interessando-se particularmente pela apropriação de sinais de trânsito como suporte para mensagens políticas que subvertiam a sua significação original. No âmbito de uma exposição individual realizada em Lisboa, ainda em 1974, Ernesto de Sousa conduz uma entrevista a Melo e Castro na qual o artista dissecou este fenómeno, notando a acuidade

<sup>2</sup> Ana Hatherly, “PO.EX: Do antes ao agora” (1987), in *Poesia Experimental Portuguesa*, cat. exp., Caixa Cultural Brasília, 2018, p. 35.

comunicacional inerente a muitas destas manifestações que se registavam por todo o país. É a partir desta investigação que o artista cria a obra *Sinais*, apresentada pela primeira vez em 1977 na célebre exposição *Alternativa Zero*. O projeto original, conhecido pelo sugestivo título *Não há sinais inocentes*, contava com um conjunto de sinais de trânsito em madeira, idênticos aos que aqui se apresentam, colocados à disposição do público que os podia intervencionar e movimentar livremente, transpondo para o espaço expositivo indícios da celebração democrática que se vivia nas ruas.

A exposição reúne o trabalho de artistas que retratam a cidade através de testemunhos fotográficos, fílmicos e sonoros, esquecendo a fronteira entre o registo documental e poético, entre a realidade coletiva e a experiência pessoal. As fotografias de **André Cepeda** (Coimbra, 1976) incluídas na exposição pertencem à série “Ballad of Today” [Balada de hoje] (2020), na qual o artista retrata a cidade de Lisboa, por onde vagueia dia e noite. Este projeto dá continuidade ao trabalho que Cepeda tem vindo a construir em torno da cidade marginalizada e dos corpos que a habitam, da arquitetura de não-lugares e dos vestígios de sobrevivência e abandono que nela encontra.

Em *Berlin Project* [Projeto Berlin] (2002–20), **Tacita Dean** (Cantuária, Reino Unido, 1965) tece também um retrato muito pessoal da cidade onde vive, construindo uma paisagem sonora a partir de gravações de rua e composições abstratas, rezas e relatos desportivos, vozes e melodias que nos transportam por entre os lugares que habita. Enquanto Dean e Cepeda percorrem territórios amplos e dispersos, **Mauro Cerqueira** (Guimarães, 1982) debruça-se sobre um local concreto e circunscrito: a Baixa do Porto, onde ainda vive e trabalha, apesar da incessante pressão turística e imobiliária. *Porto Morto* (2010) segue despreziosamente os movimentos de um *skater* no interior de um edifício em

ruína, onde o artista tivera o seu ateliê, expondo os sinais de despejo, gestos de resistência e indícios de um futuro incerto. Além do trabalho em vídeo, a prática de Mauro Cerqueira desenvolve-se em torno da apropriação de materiais vulgares, subprodutos industriais e objetos descartados cuja função foi desvirtuada ou considerada obsoleta.

**Ana Santos** (Espinho, 1982) partilha com Mauro Cerqueira o interesse pelos vestígios materiais da sociedade de consumo e a aptidão para criar objetos escultóricos a partir de ações simples. Contudo, a delicadeza dos seus gestos e a improbabilidade das justaposições que ensaia, tirando proveito do acaso e da energia latente na matéria, aproximam a sua prática da alquimia: apesar da crueza dos materiais que emprega, a sua obra transpõe o real e o mundano, situando-se algures entre o enigma e a fabulação.

10

*Mãos sobre a cidade* inclui também um conjunto de obras de carácter performativo que tiram partido da cidade enquanto campo de ação coletiva. O enigmático **James Lee Byars** (Detroit, EUA, 1932 – Cairo, Egito, 1997) constrói também grande parte das suas performances a partir de encontros momentâneos com transeuntes anónimos. Tendo vivido em cidades tão distintas como Quioto, Nova Iorque, Veneza e Berna e trabalhado em inúmeros contextos geográficos e culturais, Byars reconhece nas ruas da cidade o lugar onde encontra “um público natural” para o seu trabalho: “geralmente prefiro uma circunstância urbana (...) onde a comunicação é feita a uma velocidade muito elevada [e onde as pessoas são] sensíveis ao desenvolvimento de ideias que lhes parecem pouco frequentes ou invulgares”<sup>3</sup>. É neste contexto que realiza várias performances nas quais distribui papéis de formatos distintos com mensagens

<sup>3</sup> In *James Lee Byars / Antwerp 18 April–7 May 1969*, Jef Cornelis, consultado em <https://www.dewitteraaf.be/artikel/james-lee-byars-antwerp-18-april-7-may-1969/>.

misteriosas, como os que encontramos nesta exposição: em 1967 terá distribuído pelas ruas de Quioto dez mil folhas circulares de papel de seda com a inscrição *A White Paper Will Blow Through the Streets* [Um papel branco voará pelas ruas] e anos mais tarde, em Berna, pequeníssimos recortes dourados com a frase *The Exhibition of Recalling the Attention of the City* [A exposição de voltar a chamar a atenção da cidade] — obras de natureza efémera e eterna, de alcance íntimo e coletivo.

A exposição reúne ainda um conjunto de trabalhos em vídeo do artista **Gordon Matta-Clark** (Nova Iorque, EUA, 1943–78), célebre pelas suas intervenções de grande escala em edifícios devolutos realizadas durante os anos 1970 em cidades como Nova Iorque, Génova e Antuérpia. Uma das figuras mais dinâmicas da vibrante comunidade artística nova-iorquina deste período, Matta-Clark desenvolveu importantes projetos colaborativos, como o famoso restaurante FOOD (1971–74) e o projeto *Anarchitecture* (1973–74), termo que o próprio inventa unindo as palavras “anarquia” e “arquitetura”, e que dá nome ao grupo de reflexão que se reunia no SoHo para debater interseções entre arte e arquitetura, cidadania e resistência<sup>4</sup>.

11

O célebre vídeo *Splitting* [Separar] (1974) acompanha o processo de divisão de uma casa devoluta numa zona suburbana de Nova Jérquia, através da abertura de uma enorme fenda no centro do edifício. Já os filmes *Open House* [Casa aberta] (1972) e *Clockshower* [Relógio-chuveiro] (1973) registam dois momentos performativos realizados em

<sup>4</sup> Composto por figuras como Matta-Clark, Richard Nonas, Laurie Anderson, Tina Girouard e Jene Highstein, o grupo deixou um importante legado artístico apesar do curto período em que se reuniu, tendo publicado um ensaio visual na revista *FlashArt* e realizado uma exposição na galeria 112 Green Street, um importante espaço alternativo no SoHo ao qual Matta-Clark esteve intimamente ligado. Frances Richard, “Anarchitecture as Poetic Device” (2018) in <https://flash---art.com/article/anarchitecture-as-poetic-device/>.

Nova Iorque: o primeiro documenta uma ação coletiva em torno da instalação que Matta-Clark cria na rua, compartimentando um contentor de lixo com portas e madeiras descartadas; enquanto no segundo o artista surge no topo da Torre do Relógio da cidade, fazendo a sua rotina de higiene diária, suspenso na fachada do edifício em frente ao enorme mostrador.

Entre cartazes e sinais, ruas movimentadas e interiores devolutos, lugares de reunião e abandono, encontramos vestígios das investigações artísticas destes, e de muitos outros artistas que lançam mãos sobre a cidade.



**Gordon Matta-Clark**  
**Clockshow** (stills), 1973



**Ana Hatherly**  
**A Revolução**, 1977  
Tinta acrílica sobre papel  
84 × 60 cm  
Col. Fundação de Serralves — Museu de Arte Contemporânea,  
Porto. Aquisição em 1998

16



**Ana Hatherly**  
**A Revolução**, 1977  
Tinta acrílica sobre papel  
84 × 60 cm  
Col. Fundação de Serralves — Museu de Arte Contemporânea,  
Porto. Aquisição em 1998



**Ana Santos**  
**Sem título**, 2012  
Pigmento sobre MDF  
134,5 × 63,5 × 2,5 cm  
Col. Fundação de Serralves — Museu de Arte Contemporânea,  
Porto. Aquisição em 2013

17



**Ana Santos**  
**Sem título**, 2017  
PVC, bronze, ferro e fios de poliéster  
274 × 51 × 30 cm  
Col. Fundação de Serralves — Museu de Arte Contemporânea,  
Porto. Doação de Fundação Ilídio Pinho em 2018



**Ana Santos**  
**Sem título**, 2017  
Bronze  
7 × 53 × 21 cm  
Col. Fundação de Serralves — Museu de Arte Contemporânea,  
Porto. Doação de Fundação Ilídio Pinho em 2018



**André Cepeda**  
**Sem título (da série "Ballad of Today")**, 2020  
Impressão jato de tinta em papel archival fine art Museo. Ed. 1/2 + PA  
120 × 150 cm  
Col. Fundação de Serralves — Museu de Arte Contemporânea, Porto.  
Aquisição em 2022

18



**André Cepeda**  
**Sem título (da série "Ballad of Today")**, 2020  
Impressão jato de tinta em papel archival fine art Museo. Ed. 2/2 + PA  
90 × 73 cm  
Col. Fundação de Serralves — Museu de Arte Contemporânea, Porto.  
Aquisição em 2022

19



**André Cepeda**  
**Sem título (da série "Ballad of Today")**, 2020  
Impressão jato de tinta em papel archival fine art Museo. Ed. 1/2 + PA  
55 × 45 cm  
Col. Fundação de Serralves — Museu de Arte Contemporânea,  
Porto. Aquisição em 2022



**André Cepeda**

**Sem título (da série "Ballad of Today"), 2020**

Impressão jato de tinta em papel archival fine art Museo. Ed. 2/2 + PA  
55 × 44 cm

Col. Fundação de Serralves — Museu de Arte Contemporânea,  
Porto. Aquisição em 2022

20



**André Cepeda**

**Sem título (da série "Ballad of Today"), 2020**

Impressão jato de tinta em papel archival fine art Museo. Ed. 1/2 + PA  
55 × 44 cm

Col. Fundação de Serralves — Museu de Arte Contemporânea, Porto.  
Aquisição em 2022

21



**André Cepeda**

**Sem título (da série "Ballad of Today"), 2020**

Impressão jato de tinta em papel archival fine art Museo. Ed. 2/2 + PA  
55 × 45 cm

Col. Fundação de Serralves — Museu de Arte Contemporânea, Porto.  
Aquisição em 2022

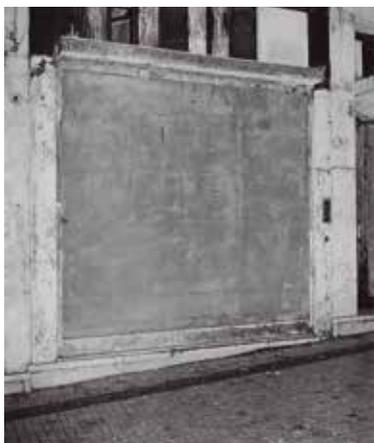


**André Cepeda**

**Sem título (da série "Ballad of Today"), 2020**

Impressão jato de tinta em papel archival fine art Museo. Ed. 2/2 + PA  
55 × 44 cm

Col. Fundação de Serralves — Museu de Arte Contemporânea,  
Porto. Aquisição em 2022

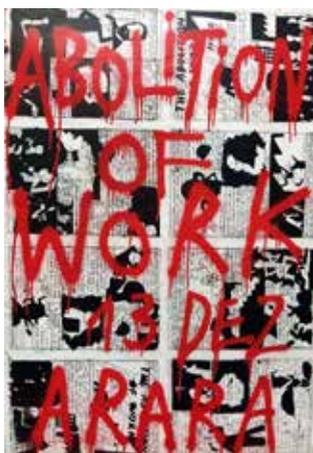


**André Cepeda**

**Sem título (da série "Ballad of Today"), 2020**

Impressão jato de tinta em papel archival fine art Museo. Ed. única  
322,5 × 255,3 cm  
Col. Fundação de Serralves — Museu de Arte Contemporânea,  
Porto. Aquisição em 2022

22



**Bruno Borges, Miguel Carneiro**

**The Abolition of Work, 2014**

Impressão sobre papel. Edição limitada  
100 × 70 cm

Livros e Edições de Artista. Col. Fundação de Serralves — Museu  
de Arte Contemporânea, Porto. Aquisição em 2019



**Dayana Lucas**

**Caracas Lloro, 2011**

Serigrafia sobre papel. Ed. 5/26  
80 × 60 cm (cada)

Livros e Edições de Artista. Col. Fundação de Serralves — Museu  
de Arte Contemporânea, Porto. Aquisição em 2014

23



**Dayana Lucas**

**Crisis, 2012**

Impressão sobre papel. Ed. 40/150  
89,4 × 67 cm

Livros e Edições de Artista. Col. Fundação de Serralves — Museu  
de Arte Contemporânea, Porto. Aquisição em 2019



**E. M. de Melo e Castro**

**Sinais**, 1976/1997

Madeira pintada (9 elementos)

200 × 50 × 47 cm (cada)

Col. Fundação de Serralves — Museu de Arte Contemporânea,  
Porto. Aquisição em 2002

24



**Gordon Matta-Clark**

**Open House**, 1972

Filme Super 8 transcrito para vídeo, cor, sem som, 4:3, 41'

Col. Fundação de Serralves — Museu de Arte Contemporânea,  
Porto. Aquisição em 1999

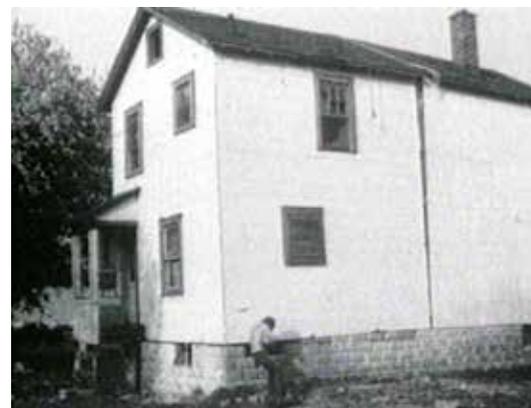


**Gordon Matta-Clark**

**Clockshower**, 1973

Filme de 16 mm transcrito para vídeo, cor, sem som, 4:3, 13'50"

Col. Fundação de Serralves — Museu de Arte Contemporânea,  
Porto. Aquisição em 1999



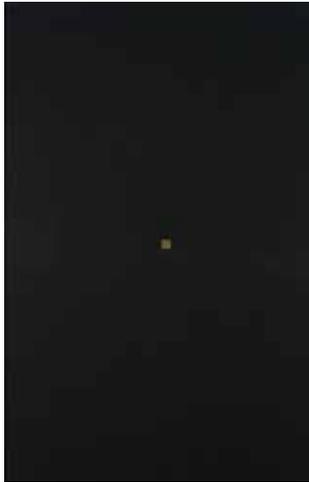
**Gordon Matta-Clark**

**Splitting**, 1974

Filme Super 8 transcrito para vídeo, p/b, sem som, 4:3, 10'50"

Col. Fundação de Serralves — Museu de Arte Contemporânea,  
Porto. Aquisição em 1999

25



**James Lee Byars**  
**The Exhibition of Recalling the Attention of the City**, n. dat.  
Impressão sobre papel dourado  
58,5 × 38,8 cm  
Col. Fundação de Serralves — Museu de Arte Contemporânea,  
Porto. Aquisição em 1997

26



**James Lee Byars**  
**A White Paper Will Blow Through the Streets**, 1967  
Litografia offset sobre papel  
Ø 68 cm  
Col. Fundação de Serralves — Museu de Arte Contemporânea,  
Porto. Aquisição em 2002

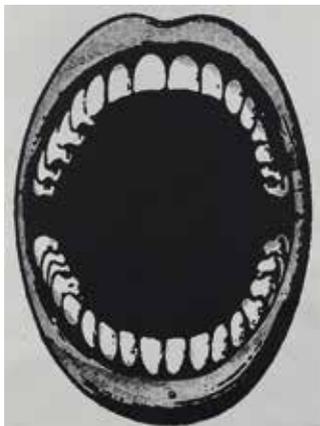


**Mauro Cerqueira**  
**Porto Morto**, 2010  
Vídeo, cor, som, pal, loop, 18'25". Ed. 1/3 + PA  
Col. Fundação de Serralves — Museu de Arte Contemporânea,  
Porto. Aquisição em 2011



**Miguel Carneiro, Pedro Nora**  
**Buraco #3: Fecha-se uma porta abre-se uma janela**, 2013  
Impressão sobre papel. Ed. 51/60  
88 × 62 cm  
Livros e Edições de Artista. Col. Fundação de Serralves — Museu  
de Arte Contemporânea, Porto. Aquisição em 2019

27



**Oficina Arara**

**Boca**, 2013

Impressão sobre papel. Ed. 103/200

90 × 67 cm

Livros e Edições de Artista. Col. Fundação de Serralves — Museu de Arte Contemporânea, Porto. Aquisição em 2019



**Oficina Arara**

**Buraco #7**, 2016

Impressão sobre papel. Edição limitada

100 × 70 cm

Livros e Edições de Artista. Col. Fundação de Serralves — Museu de Arte Contemporânea, Porto. Aquisição em 2019

28



**Oficina Arara**

**Preto no branco**, 2014

Impressão sobre papel. Ed. única

70 × 50 cm

Livros e Edições de Artista. Col. Fundação de Serralves — Museu de Arte Contemporânea, Porto. Aquisição em 2019

29



**Pierre Huyghe**

**Daily Event, Paris**, 1994

Impressão offset sobre papel (3 elementos). Ed. 1/2 + PA

66 × 100 cm (cada)

Col. Fundação de Serralves — Museu de Arte Contemporânea, Porto. Aquisição em 2006



**Tacita Dean**

**Berlin Project**, 2002–20

Som, 45", disco em vinil. Ed. 281/500

31,2 × 31,4 cm

Col. Fundação de Serralves — Museu de Arte Contemporânea,  
Porto. Obra produzida pela Fundação de Serralves em 2020

**DAYANA LUCAS**  
**Caracas Llora, 2011**



The exhibition *Hands over the City. Artistic Investigations in the Urban Environment* presents a group of works by Portuguese and international artists represented in the Serralves Collection who have turned their attention to contemporary urban reality, investigating physical, economic, social, and cultural processes that shape life in the city. At a time when crowds take to the street in cities across the country to demand the right to housing for all, *Hands over the City* showcases a diverse set of artistic practices developed within an increasingly urban society.

The city is, by definition, a place of concentration—of people, resources, infrastructures, and services. It is a place of assembly and confrontation, where democracy is born and put to the test. Throughout History, the city has been the setting for countless social and cultural movements and fertile ground for artistic creation, inspiring the work of writers, musicians, filmmakers, and visual artists alike. This was the case with Francesco Rosi, the Neapolitan film director who portrayed his home city in the famous film that lends its title to the exhibition, *Le mani sulla città* (1963). In the movie, Rosi points the finger at the political manipulation of the urban fabric, denouncing the effects of property speculation and corruption on urban development and on the lives of impoverished communities during the ‘reconstruction’ of Italy after the Second World War. In turn, the exhibition centres on the work of artists who take the city into their own hands, exploring different aspects of this complex reality. By portraying the city and intervening in the streets, questioning mechanisms of urban growth, recovering discarded objects and materials, and sharing creative agency with inhabitants and passers-by, the artists represented in the exhibition reflect upon the construction and transformation of the urban space and its communities.

The exhibition presents a dense and diverse group of works by different artists that echoes the multitude of artistic expressions related to this theme. Comprising drawing, collage, sculpture, and photography, as well as street posters, sound and video works, *Hands over the City* brings together a series of works from the late 1960s until the present day, spanning the period covered by the Serralves Collection.

As the quintessential public space, the street is the place where many artists frequently intervene, appropriating walls and façades, covering them with posters, *graffiti*, protest messages and slogans. The exhibition includes a group of posters by **Pierre Huyghe** (Paris, France, 1962) and the Porto-based collective **Oficina Arara**<sup>1</sup>, designed to inhabit and confront the city, reclaiming the public space as a space of intervention and resistance. The posters that compose *Daily Event, Paris* (1994) are smaller versions of the billboards illegally occupied by Huyghe that portray citizens carrying out urban maintenance tasks in nearby locations, contrasting gestures of insubordination with citizenship, and confusing reality with fiction. The posters by Oficina Arara and its associated artists, such as **Dayana Lucas** (Caracas, Venezuela, 1987), **Miguel Carneiro** (Porto, Portugal, 1980), **Pedro Nora** (Vila Nova de Gaia, Portugal, 1977) e **Bruno Borges** (Lisbon, Portugal, 1976), share a clear political commitment: images taken from Venezuelan newspapers denounce the violence taking place in the streets of Caracas; the inexhaustible word *Crisis* is repeated, dense and omnipresent; a wide-open *Mouth* is a reminder of the importance of using our voice in the exercise of citizenship.

<sup>1</sup> Oficina Arara is a graphic art laboratory dedicated to the individual and collective creation of posters and limited editions, grounded on the use of silkscreen and manual printing processes now considered obsolete. Throughout its period of activity, this collective has enjoyed the participation of artists and designers such as Dayana Lucas, Miguel Carneiro, Pedro Nora, Luís Silva, João Alves and Marta Baptista (Von Calhau!), Irina Pereira, Bruno Borges, Daniela Duarte, Ruca Bourbon and Mariya Nesvyetaylo, among others.

Concurrently, artists such as **Ana Hatherly** (Porto, 1929–Lisbon, Portugal, 2015) and **E. M. de Melo e Castro** (Covilhã, Portugal, 1932–São Paulo, Brazil, 2020) evoke in their practices manifestations native to the city's visual landscape, incorporating gestures and expressions that describe and reflect its constant mutation. The Portuguese revolution of 25 April 1974 decisively marked these artists' work, two central figures of the group Poesia Experimental Portuguesa [Portuguese Experimental Poetry], which, since the beginning of the previous decade, had advocated the free exploration of the visual, phonetic and material potential of language, finding in this experimentalist attitude a way of escaping the repression and conservatism of Salazar's regime. It was only natural that the visual explosion taking place in the public space after 1974 would prove to be profoundly consequential for these artists: 'poetry was indeed on the streets (...) in its widest possible sense, and [we naturally participated] in that process'<sup>2</sup>. In this period, Hatherly produced iconic works around this theme, such as the famous film *Revolução* [Revolution] (1975), the group of 'descollages' *As ruas de Lisboa* [The Streets of Lisbon] (1977), as well as the series of drawings entitled 'A Revolução' [The Revolution] (1977), represented in this exhibition, which echoes the visuality of urban writing on which the artist would focus years later, in the 2000s.

Like Ana Hatherly, Melo e Castro closely examined the profusion and accumulation of graphic interventions that marked the Portuguese urban landscape during the post-revolutionary period, taking a particular interest in the appropriation of road signs as a support for political messages that subverted their original meaning. As part of a solo exhibition held in Lisbon still in 1974, Ernesto de Sousa conducted an interview with Melo e Castro, in which the artist dissects

<sup>2</sup> Ana Hatherly, 'PO.EX: Do antes ao agora' (1987), in *Poesia Experimental Portuguesa*, exh. cat., Caixa Cultural Brasília, 2018, p. 35.

this phenomenon, noting the communicational incisiveness of many of these interventions found all over the country. Based on this research the artist created the work *Sinais* [Signs], which was presented for the first time in 1977 in the famous *Alternativa Zero* exhibition. The original project, known by the suggestive title 'There are no innocent signs', featured a group of wooden road signs, identical to the ones presented here, placed at the disposal of the public who could manipulate and move them around freely, transposing to the exhibition space signs of the democratic celebration that was taking place in the streets.

The exhibition brings together works by artists who portray the city through photographic, film and sound recordings, eschewing the boundaries between the documentary and the poetic, between collective reality and personal experience. The photographs of **André Cepeda** (Coimbra, Portugal, 1976) included in the exhibition belong to the series 'Ballad of Today' (2020), in which the artist depicts the city of Lisbon, where he wanders day and night. This project expands on the work that Cepeda has been building around the marginalised city and the bodies that inhabit it, the architecture of non-places and the traces of survival and abandonment found in it.

In *Berlin Project* (2002–20), **Tacita Dean** (Canterbury, United Kingdom, 1965) also paints a very personal portrait of the city where she lives, constructing soundscape from street recordings and abstract compositions, prayers and sports reports, voices and melodies that transport us through the places she inhabits. Whereas Dean and Cepeda tread ample and disperse territories, **Mauro Cerqueira** (Guimarães, Portugal, 1982) focuses on a particular place: downtown Porto, where he still lives and works, despite the incessant pressure from tourism and real estate development. *Porto Morto* [Dead

Porto] (2010) unpretentiously follows the movements of a skater as he makes his way through the interior of a ruined building, where the artist once had his studio, exposing the signs of eviction, gestures of resistance and glimpses of an uncertain future. Beyond his video work, Mauro Cerqueira's practice revolves around the appropriation of everyday materials, industrial by-products, and discarded objects whose function has been greatly altered or is considered obsolete.

**Ana Santos** (Espinho, Portugal, 1982) shares with Mauro Cerqueira an interest in the material remains of consumer society and an aptitude for creating sculptural objects out of simple actions. However, the delicacy of her gestures and the implausibility of the juxtapositions she creates, harnessing the power of chance and the latent energy in matter, bring her artistic practice closer to alchemy: despite the crudeness of the materials she uses, her work transcends the real and the mundane, lingering somewhere between enigma and fabulation.

*Hands over the City* also includes a group of works of a performative nature that take advantage of the city's potential as a space of collective action. The enigmatic **James Lee Byars** (Detroit, USA, 1932–Cairo, Egypt, 1997) also constructs most of his performances from momentary encounters with anonymous passers-by. Having lived in cities as diverse as Kyoto, New York, Venice and Berne and having worked in entirely different geographical and cultural contexts, Byars recognises in the streets of the city the place where he finds 'a natural audience' for his work: 'I generally prefer an urban circumstance (...) where communication is at a very high speed [and where people are] very sensitive to the development of ideas that appear infrequent to them or unusual'<sup>3</sup>. It is in

<sup>3</sup> In *James Lee Byars / Antwerp 18 April–7 May 1969*, Jef Cornelis, accessed in <https://www.dewitteraaf.be/artikel/james-lee-byars-antwerp-18-april-7-may-1969/>.

this context that the artist executes several performances in which he hands out different-sized pieces of paper with mysterious messages, like the ones found in this exhibition: in 1967, in the streets of Kyoto, Byars distributed ten thousand circular sheets of silk paper bearing the words *A White Paper Will Blow Through the Streets*, and, years later, in Berne, tiny gold leaf paper squares with the phrase *The Exhibition of Recalling the Attention of the City*—works of an ephemeral and eternal nature, with an intimate and collective scope.

The exhibition brings together a group of film works by **Gordon Matta-Clark** (New York, USA, 1943–78), famous for his large-scale interventions in derelict buildings during the 1970s in cities such as New York, Genoa and Antwerp. One of the most dynamic figures of the vibrant New York artistic community from this period, Matta-Clark developed important collaborative projects, such as the famous FOOD restaurant (1971–74) and the *Anarchitecture* project (1973–74), a term he coined by combining the words 'anarchy' and 'architecture', and which took the shape of a discussion group that met in SoHo to debate crossovers and intersections between art and architecture, citizenship and resistance.<sup>4</sup>

The famous film *Splitting* (1974) records the process of dividing a vacant house in the suburbs of New Jersey, by opening a large crack in the centre of the building. Conversely, the films *Open House* (1972) and *Clockshower* (1973) record two performative moments that took place in New York City: the first documents a collective action around the installation that Matta-Clark created in the street, compartmentalising

<sup>4</sup> Composed of figures such as Matta-Clark, Richard Nonas, Laurie Anderson, Tina Girouard and Jene Highstein, the group left an important artistic legacy despite its brevity, publishing a visual essay in the magazine *FlashArt* and holding an exhibition at the 112 Green Street gallery, an important alternative space in SoHo, with which Matta-Clark was closely linked. Frances Richard, 'Anarchitecture as Poetic Device' (2018) in <https://flash---art.com/article/anarchitecture-as-poetic-device/>.

a waste container with discarded doors and wood; whilst, in the second, the artist appears on the top of the city's Clock Tower, carrying out his daily hygiene routine while suspended from the façade of the building in front of the large clockface.

Between posters and signs, busy streets and derelict interiors, spaces of assembly and abandonment, we find traces of the artistic investigations of the artists (these among many others) who lay their hands over the city.

## LER READ

Charles Dickens, *História em Duas Cidades* (1859), Lisboa: Relógio D'Água, 2014  
Eça de Queiroz, *A Cidade e as Serras*, Porto: Lello & Irmão, 1901  
Jane Jacobs, *The Death and Life of Great American Cities*, Nova Iorque: Random House, 1961 (São Paulo: Martim Fontes, 2018)  
Ed Ruscha, *Every Building on the Sunset Strip*, 1966  
Italo Calvino, *As Cidades Invisíveis* (1972), Lisboa: D. Quixote, 2015  
Martha Rosler, *If You Lived Here: The City in Art, Theory, and Social Activism*, Seattle: The New Press, 1991  
Porto 60/70: *Os Artistas e a Cidade*, cat. exp., Porto: Fundação de Serralves, 2001  
*Squatters*, cat. exp., Porto: Fundação de Serralves, 2001  
Orham Pamuk, *Istambul: Memórias de uma Cidade* (2003), Queluz de Baixo: Editorial Presença, 2008  
*Às artes, Cidadãos!*, cat. exp., Porto: Fundação de Serralves, 2010/12  
Zadie Smith, *NW: História de uma Cidade* (2012), Lisboa: D. Quixote, 2013  
Adam Nathaniel Furman e Joshua Mardell, *Queer Spaces: An Atlas of LGBTQIA+ Places and Stories*, Londres: Riba Publishing, 2022

## VER SEE

Fritz Lang, *Metropolis*, 1927  
Charlie Chaplin, *City Lights*, 1931  
Manoel de Oliveira, *O Pintor e a Cidade*, 1956  
Francesco Rosi, *Le mani sulla città*, 1963  
Chantal Akerman, *News from Home*, 1976  
Agnès Varda, *Mur Murs*, 1981  
Wong Kar-Wai, *Chung Hing Sam Lam*, 1994  
Jocelyne Saab, *Kanya Ya Ma Kan, Beyrouth*, 1995  
Fernando Meirelles, *Cidade de Deus*, 2002  
Banksy, *Exit Through the Gift Shop*, 2010  
Catarina Alves Costa, *Casas Para o Povo*, 2010  
Leonor Teles, *Cães que Ladram aos Pássaros*, 2019  
André Guimomar, *A Nossa Terra, O Nosso Altar*, 2022

## OUVIR LISTEN

Giacomo Puccini, *La Bohème*, 1896  
Arseni Avraamov, *Simfoniya gudkov*, 1922  
Carlos Gardel, *Mi Buenos Aires querido*, 1934  
Amália Rodrigues, *Lisboa Não Sejas Francesa*, 1952  
Mina, *Città vuota*, 1956  
Lou Reed, *Walk on the Wild Side*, 1972  
Max Neuhaus, *Times Square*, 1977  
The Clash, *London Calling*, 1979  
Rui Veloso, *Porto Sentido*, 1987  
N.W.A, *Straight Outta Compton*, 1988  
Chico Buarque, *Carioca*, 1998  
Capicua, *Circunvalação*, 2020

A Coleção de Serralves centra-se na arte contemporânea produzida desde os anos 1960 até à atualidade, distinguindo-se pela perspetiva internacional que proporciona sobre a arte portuguesa produzida a partir desse período histórico de mudanças políticas, sociais e culturais a nível planetário. Cumprindo o seu programa de pesquisa e desenvolvimento permanentes, a Coleção de Serralves mantém uma aturada atenção à criação do século XXI, em particular à relação das artes visuais com a performance, a arquitetura e a contemporaneidade no âmbito de um presente pós-colonial e globalizado.

A Coleção de Serralves integra obras que são propriedade da Fundação de Serralves, incluindo um importante núcleo de livros e edições de artistas, e obras provenientes de várias coleções privadas e públicas que foram objeto de depósitos de longo prazo. De entre os acervos depositados em Serralves, que constituíram pontos de referência para o seu desenvolvimento, contam-se a Coleção de Arte Contemporânea do Estado (CACE) e a coleção da Fundação Lusó-Americana para o Desenvolvimento (FLAD).

A presente mostra integra-se no programa de exposições e apresentação de obras da Coleção de Serralves, especificamente selecionadas para os locais de exposição com o objetivo de tornar o acervo acessível a públicos diversificados de todas as regiões do país.

The Serralves Collection focuses on contemporary art spanning from the 1960s to the present, offering an international perspective on Portuguese art since that historical period, which was marked by worldwide political, social and cultural change. In line with its continuous research and development programme, the Serralves Collection follows attentively the developments in twenty-first century creation, particularly in regard to the relationship between the visual arts and performance, architecture and contemporaneity in the context of a post-colonial, globalised present.

The Serralves Collection includes works that belong to the Serralves Foundation, including a significant corpus of artists' books and publications, as well as works on long-term loan from several public and private collections, which were crucial references for its formation, such as the Portuguese State Contemporary Art Collection (CACE) and the Lusó-American Development Foundation (FLAD) Collection.

*Hands over the City. Artistic Investigations in the Urban Environment* is part of a programme of exhibitions and presentation of artworks from the Serralves Collection that are specifically selected for each location with the purpose of making the collection accessible to the public across all regions in the country.

# SERRALVES

A exposição *Mãos sobre a cidade. Investigações artísticas no meio urbano* apresenta um conjunto de obras de artistas portugueses e internacionais representados na Coleção de Serralves que se debruçam sobre a realidade urbana contemporânea, investigando processos de ordem física, económica, social e cultural que moldam a vida na cidade.

Os artistas representados na exposição retratam e intervêm na rua, evocam a paisagem visual da cidade, recuperam objetos e materiais descartados e partilham agência criativa com habitantes e transeuntes, explorando aspetos distintos deste complexo ecossistema.

The exhibition *Hands over the City. Artistic Investigations in the Urban Environment* presents a group of works by Portuguese and international artists represented in the Serralves Collection who have turned their attention to contemporary urban reality, investigating physical, economic, social, and cultural processes that shape life in the city.

The artists represented in the exhibition portray the city and intervene in the streets, evoke the urban visual landscape, recover discarded objects and materials, and share creative agency with inhabitants and passers-by, exploring different aspects of this complex ecosystem.

[www.serralves.pt](http://www.serralves.pt)



---

CÂMARA MUNICIPAL DE AVEIRO | MUSEU DE AVEIRO / SANTA JOANA  
Avenida de Santa Joana, 3810-164, Aveiro

#### CONTACTOS CONTACTS

+351 234 423 297 / +351 234 406 485 | [museusdeaveiro@cm-aveiro.pt](mailto:museusdeaveiro@cm-aveiro.pt) | [www.cm-aveiro.pt](http://www.cm-aveiro.pt)

#### HORÁRIO SCHEDULE

Terça a domingo Tuesday to Sunday: 10h00 – 12h30 e and 13h30 – 18h00

---

Apoio Institucional  
Institutional Support

